

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

LUANA BEATRIZ DO NASCIMENTO CORDEIRO DE SOUZA

ANÁLISE BIOGRÁFICA DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO-INTERPRETAÇÃO
PORTUGUÊS - LIBRAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGEM E IDENTIDADE (PPGLI) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE –
UFAC

RIO BRANCO

2025

LUANA BEATRIZ DO NASCIMENTO CORDEIRO DE SOUZA

ANÁLISE BIOGRÁFICA DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO-INTERPRETAÇÃO
PORTUGUÊS - LIBRAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGEM E IDENTIDADE (PPGLI) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE –
UFAC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Libras da
Universidade Federal do Acre, como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciada em
Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de Souza.

RIO BRANCO

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S729a Souza, Luana Beatriz do Nascimento Cordeiro de, 1995 -
Análise biográfica das estratégias de tradução-interpretação
Português-Libras no Programa de Pós-Graduação em Letras:
Linguagem e Identidade (PPGLI) na Universidade Federal do Acre
– UFAC / Luana Beatriz do Nascimento Cordeiro de Souza;
orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de Souza. – 2025.
53 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade
Federal do Acre, Centro de Educação Letras e Artes (CELA),
Curso de Licenciatura em Letras Libras. Rio Branco, 2025.
Inclui referências bibliográficas.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Tradutor-Intérprete. 3.
Surdos. I. Souza, Shelton Lima de (orientador). II. Título.

CDD: 419

LUANA BEATRIZ DO NASCIMENTO CORDEIRO DE SOUZA

ANÁLISE BIOGRÁFICA DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO-INTERPRETAÇÃO
PORTUGUÊS - LIBRAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGEM E IDENTIDADE (PPGLI) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE –
UFAC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Libras para obtenção do título de licenciada em Letras Libras pela Universidade
Federal do Acre (UFAC).

Aprovado em 28 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Shelton Lima de Souza (Orientador – UFAC)

Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas (Examinadora Interna – UFAC)

Prof. Me. Lucas Vargas Machado da Costa (Examinador Interna – UFAC)

RIO BRANCO

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho, Amenadiel Elliot do Nascimento Cordeiro de Souza. Você que veio ao mundo para me salvar de mim mesma, me deu forças quando eu achei que não iria mais aguentar, me deu motivos para viver. Sem você eu não chegaria aonde cheguei. Essa vitória, a mamãe conseguiu graças a você, meu pequeno. Te amo.

AGRADECIMENTOS

Eu, Luana Beatriz do Nascimento Cordeiro de Souza, agradeço primeiramente a Deus, por sempre ter me amparado em todos os momentos que eu me senti, e fui fraca. Ele me levantou, mesmo que eu não merecesse. Ele não me abandonou.

Agradeço à minha mãe Alcideide Ribeiro do Nascimento, que sempre acreditou na minha capacidade e que junto com meu irmão Luiz Antônio do Nascimento Cordeiro, o qual eu chamo carinhosamente por Júnior, inúmeras vezes cuidaram com muito zelo do meu filho, Amenadiel Elliot, para que eu pudesse concluir as atividades desta graduação.

Ao meu esposo, Dionatan Lima de Souza, pela paciência que teve e tem comigo, por me apoiar e incentivar nos momentos difíceis, sei que não sou uma pessoa de fácil convivência e que, às vezes, o fardo é pesado, mas tenho orgulho do esposo e pai que você é. Tenho muito a te agradecer pelo amor, pelo companheirismo e pela cumplicidade. Que Deus continue abençoando nosso casamento para que possamos, juntos, criar nosso filho da melhor maneira possível, com muito amor. Amo você!

Meu filho, o amor da minha vida, o meu Amenadiel Elliot do Nascimento Cordeiro de Souza, muito obrigada por ser minha âncora, por me dar motivos para seguir em frente mesmo quando a exaustão toma conta de mim e, por isso, me sinto impotente. Eu olho para você e sei que não posso desistir, tenho que ser forte por você, e a cada dia que se passa é uma batalha que eu venço por você. Eu te amo tanto meu filho.

Agradeço a madrinha do meu filho, minha comadre, Maria Gerliane Chalub Mussato, essa que conheci na sala de aula e que se tornou uma pessoa muito importante na minha vida e na vida do meu filho. Muito obrigada pela ajuda de todos os dias, quando tinha que levar meu filho de apenas 4 meses de idade para a sala de aula, você foi se aproximando, criando laços, sempre nos ajudando, saiba que tenho muito a te agradecer e que você é uma das pessoas responsáveis por eu conseguir concluir este curso. Do Letras Libras para a vida.

Um agradecimento especial para as minhas amigas, tradutoras-intérpretes de Libras, MarcyLane dos Anjos Maia, Maria Delcione Ferreira do Nascimento e Maria Aparecida Iumbo Leal por todo apoio emocional que me deram nesta etapa, que por

muitas vezes me fez chorar de desespero, mas elas me ampararam e me motivaram a levantar a cabeça e seguir em frente, muito obrigada por tudo, pelas conversas, pelas trocas de ideias e também pelos puxões de orelha quando foi necessário. Saibam que por muitas vezes vocês recarregaram minhas energias com seus pensamentos positivos e com o carinho que me dão.

Ao meu estimado orientador, Prof. Dr. Shelton Lima de Souza, é difícil encontrar palavras que expressem toda a minha gratidão por sua orientação, paciência e dedicação ao longo dessa jornada acadêmica. O senhor nunca desistiu de mim, mesmo quando cometi falhas e erros, sempre me estendendo a mão com empatia e compreensão. Sua sensibilidade para com seus alunos, a Língua de Sinais, o povo surdo e toda a comunidade surda é algo raro e profundamente inspirador. O senhor não apenas me guiou na construção deste trabalho, mas também me ensinou lições valiosas sobre persistência, compromisso e respeito à diversidade. Seu conhecimento é vasto, sua paciência é inesgotável, e sua paixão pelo que faz se reflete em cada gesto, cada palavra e cada ensinamento que compartilha. Serei eternamente grata por sua confiança em mim, por suas palavras de encorajamento nos momentos difíceis e por me mostrar que o conhecimento deve ser sempre um instrumento de inclusão e transformação. Obrigada por ser mais do que um orientador – por ser um verdadeiro exemplo a ser seguido.

Agradeço à Profa. Dra. Rosane Garcia Silva pelo apoio e pelos ensinamentos que contribuíram para minha formação acadêmica. Sou grata por cada conhecimento compartilhado dentro e fora de sala de aula.

Meu reconhecimento à Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas e ao Prof. Me. Lucas Vargas Machado da Costa pela participação na minha qualificação e por demonstrarem sensibilidade à causa que defendo. Suas contribuições foram de grande valor para o aprimoramento do meu trabalho, e sou grata pelo olhar atento, pelas reflexões compartilhadas e pelo respeito à minha trajetória. Muito obrigada!

Enfim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, participaram desse processo, cada um foi essencial na minha caminhada dentro da universidade.

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceitei o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o DIREITO de ser surdo. Nós não devemos mudá-lo, devemos ensiná-lo, ajudá-lo, mas temos que permiti-lo SER SURDO.

Terge Basilier

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo investigar e descrever as estratégias teórico-metodológicas utilizadas por mim, tradutora-intérprete de Libras (TILs) na mediação de conteúdos com estudantes surdos na disciplina de Teorias Linguísticas no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade. A pesquisa buscou analisar os desafios enfrentados pelos TILs ao traduzir conceitos técnicos e sem equivalentes diretos em Libras, além de explorar recursos como a criação de sinais, o uso de classificadores, expressões faciais e corporais, e empréstimos linguísticos. A fundamentação teórico-metodológica é estabelecida com base nos estudos de Almeida (2013), INES (2025), Souza e França (2023), França (2023), Camasmie (2007), Vargas e Gobara (2015) e, também, baseada na análise da própria prática diante das atividades de tradução-interpretação a serem desenvolvidas em espaço de sala de aula no contexto de um Programa de Pós-graduação. Os resultados demonstraram que, embora essas estratégias tenham se mostrado eficazes na promoção da acessibilidade e no engajamento dos alunos surdos, sua aplicação requer um alto nível de adaptação e criatividade por parte do profissional tradutor-intérprete, além da dificuldade relacionada ao tempo limitado para a tradução simultânea, que exige respostas rápidas e precisas, muitas vezes em um contexto de “pressão” por parte do professor ouvinte que está lecionando. Apesar disso, observou-se que os esforços de adaptação e a utilização de recursos visuais e espaciais da Libras contribuíram, de alguma forma, para a compreensão dos conceitos teóricos por parte dos surdos.

Palavras-chave: Libras. Tradutor-Intérprete. Pós-Graduação. Estratégias de tradução-interpretação.

ABSTRACT

This final project aimed to investigate and describe the theoretical-methodological strategies used by me, a Libras translator-interpreter (TILs) in mediating content with deaf students in the Linguistic Theories discipline in the Postgraduate Program in Letters: Language and Identity. The research sought to analyze the challenges faced by TILs when translating technical concepts without direct equivalents in Libras, in addition to exploring resources such as the creation of signs, the use of classifiers, facial and body expressions, and linguistic borrowings. The theoretical-methodological foundation is established based on the studies of Almeida (2013), INES (2025), Souza and França (2023), França (2023), Camasmie (2007), Vargas and Gobara (2015) and, also, based on the analysis of the practice itself in the face of translation-interpretation activities to be developed in the classroom space in the context of a Postgraduate Program. The results showed that, although these strategies have proven effective in promoting accessibility and engaging deaf students, their application requires a high level of adaptation and creativity on the part of the professional translator-interpreter, in addition to the difficulty related to the limited time for simultaneous translation, which requires quick and accurate responses, often in a context of “pressure” on the part of the hearing teacher who is teaching. Despite this, it was observed that the adaptation efforts and the use of visual and spatial resources of Libras contributed, in some way, to the understanding of theoretical concepts by the deaf students.

Keywords: Libras. Translator-Interpreter. Postgraduate studies. Translation-interpretation strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Recorte 1 do Cronograma de História de Surdos.....	20
Figura 2	Recorte 2 do Cronograma de História de Surdos.....	21
Figura 3	Recorte 3 do Cronograma de História de Surdos.....	22

LISTA DE SIGLAS

ASSACRE - Associação de Surdos do Acre

CAS - Centro de Apoio ao Surdo

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

LFS - Língua Francesa de Sinais

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

PPGLI - Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade

SEE - Secretaria de Estado de Educação

TILS - Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais

UFAC - Universidade Federal do Acre

UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo Da Vinci

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	Língua Brasileira de Sinais – Libras.....	15
2.2	A história da educação de surdos no Brasil.....	18
2.3	Alguns traços sócio-históricos do processo de formação dos tradutores-intérpretes na cidade de Rio Branco – Acre no contexto educacional.....	23
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	28
3.1	Caracterização da pesquisa.....	28
4	A ATUAÇÃO DE UMA PROFISSIONAL TRADUTORA-INTÉRPRETE NA PÓS-GRADUAÇÃO.....	32
4.1	Meus primeiros anos de contato com a Libras.....	32
4.2	Trajetória profissional como Tradutora-Intérprete de Libras.....	34
4.3	O processo de tradução-interpretação simultânea.....	38
4.4	Estratégias de tradução-interpretação português-libras utilizadas pela autora na disciplina teorias linguísticas.....	40
4.4.1	O uso de sinais convencionais.....	41
4.4.2	Classificadores.....	42
4.4.3	Expressões faciais e corporais.....	44
4.4.4	Criação de sinais novos ou empréstimos linguísticos.....	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Pessoas com surdez, que percebem o mundo através de experiências visuais, no Brasil, têm como meio de comunicação, reconhecido em lei, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua (L2), para garantia de seu pleno desenvolvimento e seu acesso a qualquer estabelecimento, seja público ou privado.

Os surdos enfrentam diversas barreiras na sociedade, o preconceito, a falta de acesso às informações, a falta de comunicação, o acesso à cultura e à educação. É possível perceber inicialmente, que a história da educação dos surdos, enfrenta diversas barreiras, como por exemplo, a restrição do uso da língua de sinais, no processo de educação de crianças surdas (Sena; De Freitas Rosário, 2024). Essa limitação frequentemente comprometeu o desenvolvimento linguístico, social e acadêmico das crianças surdas, negando-lhes uma educação plena e inclusiva. A superação dessas barreiras passa pela valorização e promoção da língua de sinais como essencial no processo educacional.

A função do profissional Tradutor Intérprete de Libras surge a partir da necessidade de integrar o sujeito surdo à sociedade, contribuindo para que seu direito à comunicação seja garantido. Inclusive, segundo (Marcon, 2012, p. 2) o intérprete atua como mediador no processo de aquisição de conhecimento pelo surdo. Sua função exige imparcialidade ao traduzir conteúdos, falados ou escritos, do português para a Libras, contribuindo para que o surdo construa conceitos sobre o objeto de estudo de maneira autônoma.

Este profissional enfrenta dificuldades em todas as áreas de atuação e para que se tenha um bom desempenho na profissão, é necessário que ele conheça e participe da comunidade surda, que conheça a cultura, as dificuldades, as lutas, a história e ter consciência do seu papel como agente de transformação na vida dessas pessoas.

O interesse em abordar esse tema parte da experiência pessoal e profissional de 11 anos como tradutora-intérprete de Libras, atuando desde a Educação Básica à Graduação e agora na Pós-Graduação. Na Pós-Graduação, a responsabilidade atribuída a este profissional é maior, pois é necessário competência linguística, proficiência, vasto vocabulário e muitas pesquisas para que sua função seja exercida com êxito.

O presente estudo aborda a atuação do tradutor-intérprete de Libras na disciplina Teorias Linguísticas do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI). Essa temática é relevante para compreender como o processo de tradução e interpretação se desenvolve em um contexto acadêmico de alta complexidade, especialmente em uma área que exige domínio de conceitos abstratos e específicos das teorias linguísticas.

Portanto, delimita-se ao estudo dos recursos teórico-metodológicos aplicados no processo de tradução e interpretação na disciplina Teorias Linguísticas, ministrada no PPGLI da Universidade Federal do Acre (UFAC). O foco recai sobre as estratégias utilizadas para assegurar a acessibilidade linguística e a efetividade da comunicação entre os professores, alunos surdos e outros participantes do curso, considerando a natureza interdisciplinar e desafiadora dessa área do conhecimento.

O objetivo geral deste estudo é analisar os elementos teórico-metodológicos que desenvolvi durante o processo de tradução e interpretação de Libras na disciplina Teorias Linguísticas, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (UFAC). Essa análise busca compreender como as estratégias aplicadas contribuem para a acessibilidade e o entendimento dos conteúdos complexos abordados na disciplina.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos três objetivos específicos. O primeiro é descrever os procedimentos teórico-metodológicos utilizados nas atividades de tradução e interpretação de Libras na disciplina Teorias Linguísticas do PPGLI. Essa descrição visa mapear as estratégias adotadas, desde a preparação prévia até a execução prática, enfatizando os desafios e soluções encontradas.

O segundo objetivo específico é discutir estratégias e ações de tradução e interpretação no contexto de uma disciplina que relaciona Filosofia e Estudos Linguísticos no PPGLI. Essa discussão tem como propósito refletir sobre as particularidades do processo tradutório em um ambiente acadêmico interdisciplinar, onde conceitos abstratos exigem um alto nível de precisão e compreensão.

O terceiro objetivo é investigar as dificuldades enfrentadas pelos tradutores-intérpretes de Libras ao trabalhar com conceitos abstratos e técnicos na disciplina Teorias Linguísticas do PPGLI. Esse objetivo visa identificar os principais desafios no processo de tradução e interpretação, considerando as particularidades da linguagem acadêmica e o impacto disso na acessibilidade.

O presente trabalho de conclusão de curso traz consigo a escolha pessoal da autora pelo tema, pois foi baseada em experiências da própria produção da autora enquanto tradutora-intérprete no PPGLI, mais especificamente em uma das disciplinas obrigatórias deste programa chamada Teorias Linguísticas.

Trata-se de um projeto biográfico que se destina a fazer uma reflexão sobre os procedimentos teórico-metodológicos que foram e que são desenvolvidos pela autora durante o processo tradutório-interpretativo. Nesse sentido, os resultados dessa reflexão podem servir para demais profissionais que queiram discutir procedimentos teórico-metodológicos na área.

Como atuante em um Programa de Pós-graduação, o locus de pesquisa é nesse ambiente e, como se trata de um trabalho inicial, é focada a minha análise na disciplina de Teorias Linguísticas em que, na ocasião, há três pessoas surdas pós-graduandos com quem diálogo diretamente, sendo duas mestrandas e um doutorando.

Esta monografia de graduação é importante não somente para as pessoas que atuam na área de tradução-interpretação, como também para todas as pessoas que têm contato direto ou indireto com o aluno surdo matriculado na Pós-Graduação, tais como professores, alunos, coordenadores, secretários, entre outros, reconhecendo a importância da atuação desse profissional na inclusão dos alunos surdos nos contextos acadêmicos, mais estritamente em Programas de Pós-graduação.

O texto está estruturado em seções, iniciando com a introdução. Em seguida, o referencial teórico aborda dois tópicos principais; em consequente os aspectos teóricos metodológicos, seguido pela exposição informacional dos dados, e depois a descrição das estratégias de tradução e interpretação Português-Libras utilizada pela autora na disciplina Teorias Linguísticas. Após isso, apresenta-se a análise de dados, culminando com as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão apresentados os fundamentos teóricos que nortearam a construção e o desenvolvimento da pesquisa. Serão discutidos temas de extrema relevância, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras); A trajetória histórica da educação de surdos no Brasil; e os aspectos socio-históricos que permeiam o processo de formação dos tradutores-intérpretes de Língua de Sinais na cidade de Rio Branco, Acre, situando sua atuação e contribuições no âmbito educacional. A análise proposta visa ampliar a compreensão desses eixos temáticos, enfatizando sua relevância e interconexão na promoção de políticas públicas e práticas pedagógicas inclusivas, essenciais para a construção de um ensino superior mais equitativo e acessível.

2.1 Língua Brasileira de Sinais - Libras

Iniciamos apresentando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tomando como referência as reflexões propostas por Almeida (2013) em sua obra *Introdução à Língua Brasileira de Sinais*. O objetivo central do autor é estabelecer relações teórico-práticas acerca da Libras, promovendo uma compreensão aprofundada dos processos comunicacionais que são fundamentais para a educação de surdos. Essas considerações alinham-se diretamente à perspectiva que adotamos neste estudo, reforçando e ampliando as discussões que buscamos desenvolver, além de contribuir para a disseminação de conhecimentos essenciais sobre o tema.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) conquistou o status de língua oficial da pessoa surda no Brasil graças à luta incansável e organizada das comunidades surdas, que reivindicam seu reconhecimento e valorização. Esse marco histórico foi consolidado com a promulgação da Lei nº 10.436, em 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), que não apenas reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão, em seu Art. 1º e parágrafo único:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Contamos também com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005), que regulamenta a Lei 10.436/2002, e estabelece as diretrizes para a inclusão da Língua Brasileira de Sinais na educação, a formação de professores e intérpretes, e o acesso das pessoas surdas a serviços públicos, reforçando o direito linguístico e a inclusão social.

Conseguir desse direito é um marco para os surdos Brasil, exigindo acesso à Libras através de ensino, formação de intérpretes, presença em espaços públicos e integração em políticas de saúde, educação, trabalho, lazer e comunicação, promovendo inclusão e igualdade:

INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS política da nação brasileira. O provimento das condições básicas e fundamentais de acesso à Libras se faz indispensável. Requer o seu ensino, a formação de instrutores e intérpretes, a presença de intérpretes nos locais públicos e a sua inserção nas políticas de saúde, educação, trabalho, esporte e lazer, turismo e, finalmente, nos meios de comunicação e nas relações cotidianas entre pessoas surdas e ouvintes (Almeida, 2013, p. 41).

Nos documentos legais brasileiros, que estabelecem as diretrizes, no entanto, há uma discrepância significativa entre o que propõem essas legislações e a realidade enfrentada nas escolas e instituições. Muitas escolas ainda não oferecem estrutura adequada para a inclusão efetiva dos surdos, como a presença de intérpretes qualificados, materiais didáticos adaptados e professores capacitados em Libras. A falta de investimento em formação continuada e recursos pedagógicos específicos limita o acesso dos surdos à educação de qualidade (Dias, 2025, p. 2). Além disso, a Libras nem sempre é valorizada como língua de instrução, o que prejudica o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos estudantes surdos.

A existência de sinais nas línguas de sinais, como a Libras, reforça a ideia de que essas línguas são sistemas linguísticos completos e complexos, tão capazes de expressar nuances, abstrações e sentimentos quanto às línguas orais-auditivas. Essa compreensão desafia preconceitos e estereótipos que ainda persistem em relação às línguas de sinais, muitas vezes erroneamente vistas como meros gestos¹ ou pantomimas², em vez de línguas plenas:

¹ Modo de se expressar utilizando as mãos, os braços ou outras partes do corpo para substituir ou complementar a fala (Fonte: https://www.aulete.com.br/gesto#google_vignette)

² Representação de uma história exclusivamente através de gestos, expressões faciais e movimentos, esp. no drama ou na dança (Fonte: Oxford Languages).

Assim como as diversas línguas naturais e humanas existentes, ela é composta por níveis linguísticos como: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Da mesma forma que nas línguas orais-auditivas existem palavras, nas línguas de sinais também existem itens lexicais, que recebem o nome de sinais. A diferença é sua modalidade de articulação, a saber: visual-espacial, ou cinésico-visual, para outros. Assim sendo, para se comunicar em Libras, não basta apenas conhecer sinais. É necessário conhecer a sua gramática para combinar as frases, estabelecendo comunicação (Almeida, 2013, p. 71).

Capovilla (2005) define a Libras como uma língua natural, completa e autônoma, com estrutura gramatical própria, baseada em configurações de mãos, movimentos e expressões faciais. O autor ressalta que ela não é uma mímica do português, mas um sistema linguístico visual-espacial essencial para a comunicação e expressão da comunidade surda brasileira:

É a língua natural dos surdos. A Libras como toda Língua de Sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua (Capovilla, 2005).

Fica evidente que a língua de sinais é uma língua natural para os surdos e, após seu reconhecimento legal, deixa de ser vista como uma simples forma de mímica, passando a ser reconhecida como língua por possuir todos os elementos estruturais que caracterizam qualquer língua, seja ela oral ou de sinais.

Bernardino (2000, p. 29) explica que a língua é considerada importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação do surdo com o ouvinte, mas também com o surdo. O bilinguismo reconhece que a língua oral não supre todas as funções linguísticas, sendo essencial o aprendizado de uma língua de sinais desde cedo, permitindo ao surdo desenvolver habilidades que a língua oral não proporciona. Assim, as línguas de sinais são tanto o objetivo quanto o facilitador do aprendizado geral e da língua oral.

Desta forma, Almeida (2013, p. 108) expõe:

Quando o aluno com surdez é mediado adequadamente e tem a oportunidade de organizar seu pensamento via sinais (que é sua língua primeira e que deve ser o ponto de partida para a aprendizagem da segunda, o Português), este

tem a possibilidade de produzir um texto bem estruturado e compreensível para os leitores que porventura venham a lê-lo, cuja prática de escrita vai se aperfeiçoando com a mediação dos ouvintes, não de forma mecânica, mas interativa (Almeida, 2013, p. 108).

O reconhecimento da Língua de Sinais como elemento central na educação e inclusão social dos surdos é essencial para a efetiva construção de conhecimentos, priorizando o desenvolvimento de valores que impulsionam o crescimento individual e coletivo. Como afirma Almeida (2013, p. 17):

Dentro desta nova dinâmica estrutural metodológica em que os surdos estão inseridos, seja no âmbito educacional ou social como um todo, o reconhecimento do uso da Língua de Sinais tem se tornado fator primordial para que a construção de conhecimentos por parte dos surdos se efetive, levando em consideração os aspectos linguísticos, históricos e sociais destes sujeitos. Assim, revelar novas práticas, discursos e fazeres pedagógicos, estimula-nos à construção de novos olhares, valores, conceitos, que, por sua vez, nos proporcionam crescimento pessoal e coletivo, profissional e humano (Almeida, 2013, p. 17).

É essencial que haja um compromisso coletivo para garantir a efetiva implementação dessas políticas, com investimentos em formação de profissionais, acessibilidade e conscientização. A educação bilíngue, que valoriza tanto a língua de sinais quanto a língua oral em sua modalidade escrita, é um caminho fundamental para o desenvolvimento pleno dos surdos, permitindo que eles se expressem, aprendam e participem ativamente da sociedade.

Em sequência, nos aprofundamos melhor na história da educação de surdos em nosso país, explorando as diferentes abordagens e políticas educacionais adotadas ao longo do tempo, destacando os desafios e conquistas da comunidade surda na luta por uma educação equitativa e de qualidade.

2.2 A história da educação de surdos no Brasil

Nos aprofundamos melhor na história da educação de surdos em nosso país, explorando as diferentes abordagens e políticas educacionais adotadas ao longo do tempo, desde os primeiros métodos de comunicação gestual até a implementação de práticas bilíngues e inclusivas, destacando os desafios e conquistas da comunidade surda na luta por uma educação equitativa e de qualidade.

Na década de 50, no Brasil, a educação enfrentava sérios problemas de exclusão, especialmente em relação às pessoas com deficiência, incluindo os surdos. A falta de políticas públicas específicas e a predominância de uma visão assistencialista, em vez de educacional, marginalizaram esses grupos. As escolas regulares não estavam preparadas para receber alunos com deficiências, e as poucas instituições especializadas existentes adotavam métodos oralistas, que priorizavam a fala em detrimento da língua de sinais, ignorando as necessidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Essa exclusão refletia uma sociedade pouco inclusiva e um sistema educacional que não valorizava a diversidade (Mantoan, 2002, p. 3).

Para dissertar sobre a educação de surdos no Brasil, é preciso que falemos do INES, o Instituto Nacional de Educação de Surdos, localizado no Rio de Janeiro, que é a primeira instituição de educação para surdos no Brasil e uma das mais importantes da América Latina. Sua história remonta a 1857, quando o professor francês Ernest Huet, que era surdo, chegou ao Brasil e propôs ao Imperador Dom Pedro II a criação de uma escola para surdos. Com o apoio do imperador, foi fundado o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, que mais tarde se tornaria o INES.

Era comum que estudantes surdos formados pelos institutos especializados europeus fossem contratados a fim de ajudar a fundar estabelecimentos para a educação de seus semelhantes. Em 1815, por exemplo, o norte-americano Thomas Hopkins Gallaudet (1781-1851) realizou estudos no Instituto Nacional dos Surdos de Paris. Ao concluí-los, convidou o ex-aluno Laurent Clérc, surdo, que já atuava como professor, para fundar o que seria a primeira escola para surdos na América. A proposta de Huet correspondia a essa tendência. O governo imperial apoiou a iniciativa de Huet e destacou o Marquês de Abrantes para acompanhar de perto o processo de criação da primeira escola para surdos no Brasil (Brasil, INES, 2025).

Strobel (2009) na obra *História da educação de surdos* apresenta um Cronograma de História de Surdos, apresenta estes primeiros momentos com mais detalhes, conforme mostra a Figura 1:

Figura 1 – Recorte 1 do Cronograma de História de Surdos

1855

Eduardo Huet, professor surdo com experiência de mestrado e cursos em Paris, chega ao Brasil sob beneplácido do imperador D. Pedro II, com a intenção de abrir uma escola para pessoas surdas.

1857

Foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro – Brasil, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criada pela Lei nº 939 (ou 839?) no dia 26 de setembro. Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Dezembro do mesmo ano, o Eduardo Huet apresentou ao grupo de pessoas na presença do imperador D. Pedro II os resultados de seu trabalho causando boa impressão.

Fonte: Strobel (2009, p. 24)

O novo estabelecimento começou a funcionar em 1º de janeiro de 1856, mesma data em que foi publicada a proposta de ensino apresentada por Huet. Essa proposta continha as disciplinas de Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã e Leitura sobre os Lábios (Brasil, INES, 2025).

Inicialmente, o instituto adotou métodos de ensino baseados na língua de sinais, seguindo a influência do modelo francês. No entanto, ao longo do tempo, especialmente no início do século XX, o INES passou por mudanças e adotou o oralismo, método que priorizava o ensino da fala e leitura labial, suprimindo o uso da língua de sinais.

O oralismo é prática ultrapassada e excludente, em contraposto com o do bilinguismo, partia de uma visão capacitista, que enxergava a surdez como uma deficiência a ser "corrigida", em vez de reconhecer a surdez como uma diferença linguística e cultural (Késio, 2016, p. 5).

A partir da década de 1980, com o fortalecimento do movimento surdo e a valorização da Libras (Língua Brasileira de Sinais), o INES retomou o uso da língua de sinais em seu ensino, adotando uma abordagem bilíngue, que valoriza a língua de sinais como primeira língua e o português (ou outra língua oral, na modalidade escrita) como segunda língua (Cardoso, 2024, p. 1):

[...] a criação da Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais, seguida pelo Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que a regulamenta. Este Decreto contém nove capítulos dispondo

sobre os seguintes temas: a Libras como disciplina curricular; o ensino da língua portuguesa oferecida aos alunos surdos como segunda língua; a formação de profissionais bilíngues; e também a regulamentação do uso e difusão dessa língua em ambientes públicos e privados (Brasil, INES, 2025).

Entre o oralismo e o bilinguismo há a Comunicação Total ocorre a utilização simultânea da linguagem oral e gestual, empregando todas as formas possíveis de comunicação, usando a fala, leitura labial, língua oral sinalizada, alfabeto manual, audição residual, e outros (Késio, 2016, p. 10).

Seguindo este mesmo cronograma no contexto brasileiro, na década de 80 foi fundada a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) que é uma instituição brasileira sem fins lucrativos, fundada mais precisamente em 1987, e desempenha um papel fundamental na defesa dos direitos e na promoção da inclusão das pessoas surdas no Brasil. Sua atuação está centrada na valorização da Libras (Língua Brasileira de Sinais) e na luta por políticas públicas que garantam a acessibilidade e a educação bilíngue para a comunidade surda.

Figura 2 – Recorte 2 do Cronograma de História de Surdos

1987
*Foi fundada a FENEIS– Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro – Brasil, sendo que a mesma foi reestruturada da antiga ex-FENEIDA.
 A FENEIS conquistou a sua sede própria no dia 8 de janeiro de 1993, Rio de Janeiro - Brasil.*

Fonte: Strobel (2009, p. 28)

Segundo seu site, a FENEIS tem como missão e visão:

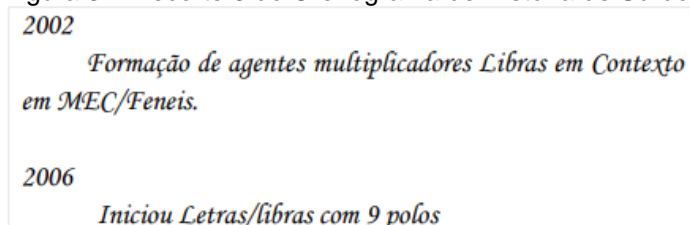
Produzir e disseminar o conhecimento nos diversos campos do saber, contribuindo para a qualidade de vida dos surdos, bem como assegurar a cidadania, de forma humanista, crítica e reflexiva, preparando profissionais competentes e atualizados para o mundo do trabalho e para a melhoria das condições de vida da sociedade. Ser referência de instituição que promove a defesa de políticas em educação, cultura, saúde, assistência social, emprego, prestação de serviços para a comunidade surda; consolidando e ampliando a fomentação da Língua Brasileira de Sinais – Libras (FENEIS, 2025³).

Em sua apresentação, é detalhado que a FENEIS é filiada à Federação Mundial dos Surdos, conta com uma rede de seis Administrações Regionais, e, face

³ <https://feneis.org.br/o-que-e/#>

à importância, suas atividades foram reconhecidas como de utilidade pública federal, estadual e municipal.

Figura 3 – Recorte 3 do Cronograma de História de Surdos



Fonte: Strobel (2009, p. 29)

A história da educação de surdos no Brasil, continua a ter fatos e instituições importantes relacionadas a si a partir da década de 90 e início dos anos 2000, conforme demonstra a figura 3. Vai-se consolidando, portanto, a proposta de educação bilíngue. Nesse sentido, alguns desafios vão sendo postos como, por exemplo, promover o ensino bilíngue para sujeitos surdos, que demandam ensino público de massa, no INES e nas escolas regulares brasileiras (Brasil, INES, 2025).

Atualmente a realidade se resume no fato de que o método bilíngue é reconhecido como o mais adequado para a educação de surdos, mas se resume apenas à presença de um intérprete de Libras na sala de aula. Essa situação revela uma série de problemas e contradições no sistema educacional. Marcon (2012, p. 2) salienta que, por meio da Libras, o intérprete intermedeia uma ação que corresponde à aquisição do conhecimento pelo surdo.

Na prática, muitas escolas não têm professores fluentes em Libras ou materiais didáticos adaptados, limitando o ensino à mediação do intérprete. Mesmo já tendo profissionais docentes formados nesta área. O primeiro curso de Licenciatura em Letras Libras foi criado em 2006 oferecido na modalidade à distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (Quadros; Stumpf, 2009, p. 1).

Embora a presença do intérprete de Libras seja um avanço em relação à exclusão total que existia no passado, ela está longe de ser suficiente para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e bilíngue. Sobre a atuação do intérprete:

Em sua atuação, a imparcialidade do intérprete junto ao processo de reprodução do conteúdo, falado ou escrito, do português para a Libras destina-se à forma de construção de conceitos pelo surdo sobre o objeto de estudo. Frequentemente, os intérpretes se deparam com problemas de compreensão por parte dos surdos, os quais se devem ao fato de a origem dos conteúdos trazer diversidades linguísticas e palavras desconhecidas.

Tais dificuldades emergem, ainda, das condições do contexto familiar, social ou escolar do surdo (Marcon, 2012, p. 2).

O papel do intérprete vai além da simples tradução; ele envolve uma série de responsabilidades e desafios, esta função é crucial sim, mas sua atuação não pode ser vista como a única solução. Várias problemáticas permeiam a temática dos tradutores-intérpretes e, para se aprofundar melhor no assunto, a seguir abordamos sobre alguns traços sócio-históricos do processo de formação dos tradutores-intérpretes na cidade de Rio Branco – Acre no contexto educacional.

2.3 Alguns traços sócio-históricos do processo de formação dos tradutores-intérpretes na cidade de Rio Branco – Acre no contexto educacional

O tradutor e intérprete de Libras desempenha um papel fundamental na promoção da acessibilidade e inclusão educacional do surdo. Sua função vai além da simples tradução, envolvendo a mediação entre duas línguas e culturas distintas: a Língua Portuguesa e a Libras. Silva (2016, p. 27) cita que:

A Lei 12.319/10, que regulamentou a profissão de intérprete de Libras destaca que a função deste profissional é efetivar a comunicação entre surdos e ouvintes no acesso a diferentes serviços disponíveis nas mais variadas esferas da sociedade. Apesar disso, não deixa claro a atuação deste profissional na educação (Silva, 2016, p. 27).

A função do intérprete educacional não se limita à interpretação e tradução de uma língua para outra. Esse profissional desempenha um papel crucial ao facilitar, por meio das línguas, o processo de aprendizagem do aluno surdo, assumindo a responsabilidade de mediar as interações e dinâmicas que ocorrem em sala de aula, portanto, esse profissional não apenas precisa dominar duas línguas, mas também deve compreender o contexto do discurso do professor, já que ele frequentemente define o significado das expressões que precisam ser interpretadas. (Silva, 2016).

Lacerda (2003, *apud* Silva, 2016, p. 30) explica que:

Frente à complexidade de seu papel, tal profissional precisa usar uma linguagem apropriada ao contexto; fazer uma interpretação compatível com o que o professor está explicando, e considerar a densidade lexical do texto e trabalhar nesse espaço, procurando tornar sua tradução acessível ao aluno surdo. Além disso, é esperado que o intérprete educacional contribua efetivamente na construção do conhecimento dos alunos surdos, percebendo-se como um mediador (Lacerda, 2003 *apud* Silva, 2016, p. 30).

Com relação à formação do intérprete de Libras, podemos considerar que é um processo que envolve estudo, capacitação e regulamentação, visando garantir a qualidade e a eficiência no exercício dessa profissão. Rodrigues (2018, p. 4) nos mostra uma breve exposição do que seria uma das primeiras formações nesta área no Brasil:

Inaugurada no contexto brasileiro em 2008, a Graduação em Letras Bacharelado em Língua Brasileira de Sinais a Distância (Bacharelado em Letras Libras EaD) foi o primeiro curso superior voltado, de fato, à formação de intérpretes e tradutores intermodais de Libras-Português. A realização dessa graduação contou com o aporte da Secretaria de Educação a Distância do Ministério de Educação (SEED/MEC), da Secretaria de Educação Especial (SEESP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com quatorze outras instituições brasileiras, que também serviram como polos de apoio presencial ao curso, tornou-se a referência da formação acadêmica de intérpretes e de tradutores de Libras-Português no país (Lacerda, 2010; Quadros, 2014 *apud* Rodrigues, 2018, p. 4).

Percebe-se, ao longo da história, uma expansão lenta, porém consistente e positiva da Libras, que tem trazido avanços no reconhecimento da comunidade surda. Começando a trazer esta realidade do tradutor-intérprete para o Acre, citamos De Souza e França (2023, p. 2):

As mudanças que estão ocorrendo em relação à expansão da Libras na sociedade brasileira e nos mais diversos campos e áreas do saber, principalmente em espaços desconstrução do conhecimento acadêmico, modifica o papel do tradutor e do intérprete de línguas de sinais e português, doravante TILSP, já que a visibilidade construída pelos usuários de Libras promove a junção dos conhecimentos empíricos com os conhecimentos formativos e com os conhecimentos linguísticos, levando a diferentes formas de legitimação da profissão de tradutor-intérprete, sobretudo na prática pedagógica quando o ambiente de trabalho for o meio educacional, tendo em vista que, no estado do Acre, o local, ou melhor, os ambientes educacionais, são os espaços em que os TILSPs mais atuam (Souza; França, 2023, p. 2).

As formações continuadas dos TILSPs (Tradutores e Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa) em Rio Branco, Acre, são fundamentais para garantir a qualificação e a atualização desses profissionais. Pensando no contexto do Acre, assim como em outras regiões do Brasil, a formação continuada é uma necessidade constante, considerando a evolução da Libras, as demandas da comunidade surda e as mudanças nos contextos de atuação desses profissionais. Entendendo que:

O Tilps, na prática, ouve em uma língua (ou vê em uma língua) e transpõe para a língua do outro, que é a língua de chegada, de uma forma rápida, tentando, a partir das possibilidades, produzir discursos da língua de partida e, assim, produzindo significações na língua de chegada; esse atravessamento de línguas não acontece de forma somente técnica, mas, também, em consonância com questões socioculturais, tendo em vista que os sujeitos produzem significados em espaços sociais, o que provocará a influência de um sujeito sobre o outro (Souza; França 2023, p. 6).

Fica evidente que a formação adequada desses profissionais é essencial para garantir a excelência no trabalho. Em sua dissertação de mestrado, França (2023) pesquisa sobre a formação continuada dos Tilps do NAI (Núcleo de Apoio à Inclusão) UFAC campus Rio Branco, e expõe:

A maioria dos Tilps obteve a sua formação básica como tradutor-intérprete de línguas de sinais no CAS/Acre, entidade responsável, desde de 2005, ano em que foi criado, a oferecer capacitação continuada para os Tilps que estivessem atuando na área educacional. O CAS foi pioneiro em oferecer capacitação continuada aos Tilps que estavam em salas de aula em Rio Branco, além de desenvolver parcerias com entidades que se mostravam abertas a conviver com pessoas surdas, como a Igreja Batista do Bosque/IBB, uma instituição religiosa protestante que, por meio de um convênio com a SEE/AC, foi um dos espaços, juntamente com o CAS, a promover cursos de Libras que eram oferecidos a toda a comunidade rio-branquense que, além de atender às necessidades linguísticas dos membros dessa igreja que tinham contatos com surdos, professores e outros profissionais da educação também participaram dos cursos promovidos por essa denominação religiosa. Nesse sentido, em Rio Branco, a IBB é conhecida como um dos primeiros espaços sociais a dar abertura à participação de surdos, sobretudo na esfera linguística e, por isso, tornou-se uma força política na história da formação linguística das comunidades surdas de Rio Branco (França, 2023, p. 79).

Em suma, os dados gerados pela autora demonstram que a maioria dos TILSPs obteve sua formação básica como tradutores-intérpretes de línguas de sinais no CAS/Acre (Centro de Apoio ao Surdo do Acre), uma instituição de referência nessa área. Desde sua criação, em 2005, o CAS/Acre tem sido responsável por oferecer capacitação continuada para os TILSPs que atuam no campo educacional, desempenhando um papel fundamental na qualificação desses profissionais (Souza; França 2023, p. 12).

Do ponto de vista da organização dos TILSPs nas escolas de Rio Branco, o CAS/Acre consolidou-se como uma entidade de grande relevância. Isso porque o CAS assumiu o papel de gerenciar as demandas das escolas que necessitavam de profissionais tradutores-intérpretes, garantindo que essas instituições fossem atendidas de forma eficiente. O Centro era responsável não apenas por enviar os

profissionais às escolas, mas também por acompanhar seu desempenho e o trabalho realizado, assegurando qualidade e suporte contínuo (Souza; França 2023, p. 12).

Reafirmando, como apontado por Souza e França (2023), o que sustenta a argumentação desenvolvida:

Essa atuação do CAS junto aos profissionais e, por conseguinte, junto às escolas, é uma ação muito importante, pois o Centro desenvolveu uma articulação com os TILSPs, permitindo organizar planos de trabalho para formações periódicas, o que facilitava, ainda mais, a inserção dos profissionais nos espaços educacionais de Rio Branco, inclusive com práticas de reflexão sobre a profissão (Souza; França 2023, p. 12).

Em síntese, a atuação dos TILSPs e o papel do CAS/Acre em Rio Branco foram e são fundamentais para a inclusão e acessibilidade da comunidade surda. A formação básica e continuada oferecida pelo CAS, aliada à organização e ao acompanhamento desses profissionais nas escolas, demonstram um esforço conjunto com os profissionais educacionais com a qualidade da mediação linguística e a promoção da educação acessível ao surdo. Essa estrutura tenta fortalecer a atuação dos TILSPs, almejando que eles estejam preparados para os desafios cotidianos da profissão.

A atuação de tradutores e intérpretes de Libras é fundamental para garantir a inclusão e a acessibilidade da comunidade surda em diversos espaços sociais, educacionais e profissionais. No entanto, a falta de políticas públicas efetivas e de uma formação adequada e acessível tem levado esses profissionais a buscarem, por conta própria, capacitação e experiências práticas, muitas vezes sem o suporte necessário.

Como exposto nesta seção, essa realidade resulta em uma formação desigual e fragmentada, além de sobrecarregar os tradutores e intérpretes, que precisam superar desafios estruturais e financeiros para se qualificarem. A ausência de um sistema de apoio consistente não apenas compromete a qualidade do trabalho desses profissionais, mas também reflete a invisibilidade e a desvalorização da Libras, dos tradutores-intérpretes, e da cultura surda na sociedade.

A falta de políticas públicas eficazes e de uma formação adequada para tradutores e intérpretes de Libras não apenas marginaliza esses profissionais, mas também reforça barreiras que impedem a participação efetiva das pessoas surdas em diversos âmbitos da vida social, educacional e profissional. Essa situação levanta

questionamentos urgentes sobre a priorização de ações que promovam a acessibilidade e a equidade, além de destacar a necessidade de um engajamento mais consistente por parte do Estado e das instituições na construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Sem esse apoio, a garantia dos direitos linguísticos e sociais da comunidade surda permanece como uma promessa distante, em vez de uma realidade concretizada.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão descritas de forma detalhada as abordagens metodológicas e os procedimentos de pesquisa empregados para a produção, coleta e análise dos dados. O delineamento da pesquisa será apresentado inicialmente, com a definição do tipo de estudo a ser conduzido, justificando-se a escolha com base nos objetivos propostos. Este estudo tem como finalidade investigar as produções relacionadas à tradução e interpretação, bem como as abordagens teórico-metodológicas adotadas em um contexto específico de Pós-Graduação. A pesquisa busca compreender como essas práticas e teorias são aplicadas e desenvolvidas nesse ambiente acadêmico, contribuindo para o mapeamento e a reflexão crítica sobre o campo.

3.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa visa obter informações acerca das estratégias de tradução-interpretação e abordagens teórico-metodológicas utilizadas em um contexto de Pós-Graduação. Para alcançar esse objetivo, é fundamental delinear as características e os procedimentos que orientam o desenvolvimento do estudo. Este capítulo tem como propósito descrever e justificar as escolhas metodológicas adotadas, apresentando o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, a amostra envolvida, bem como os critérios éticos e técnicos que garantem a validade e a confiabilidade dos resultados.

A caracterização da pesquisa não apenas situa o leitor em relação ao percurso investigativo, mas também oferece subsídios para a compreensão das análises e conclusões que serão apresentadas ao longo deste trabalho. Fontelles (2009, p. 2) explica que a pesquisa científica é a aplicação prática de um conjunto de procedimentos objetivos, utilizados por um pesquisador (cientista), para o desenvolvimento de um experimento, a fim de produzir um novo conhecimento, além de integrá-lo àqueles pré-existentis.

Os objetivos deste projeto de pesquisa descritos, focam principalmente nas estratégias com as quais a autora lida durante o diálogo com os pós-graduando surdos, considerando que as informações novas que são dadas pelo professor da disciplina e, por isso, os sinais e outros elementos linguísticos como sentenças, frases,

períodos etc. que são desconhecidos por pela autora tradutora-intérprete e pelos estudantes surdos.

Quanto à abordagem, esta proposta de pesquisa é de base qualitativa, tendo em vista que pesquisas desse tipo não propõem quantificação de dados e sim análise de elementos que são possíveis de serem observados em uma pesquisa com caráter etnográfico. Conforme detalha Pereira (2018, p. 67), os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo.

A escolha pelo método qualitativo é bastante pertinente, uma vez que ele permite uma análise profunda e contextualizada dos fenômenos estudados, valorizando a subjetividade, as experiências e os significados atribuídos pelos envolvidos. Estamos alinhados com Fontelles (2009, p. 6) em sua perspectiva, uma vez que explica:

Quanto à forma de abordagem a pesquisa qualitativa é o tipo de pesquisa apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar os seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas. Diferente da quantitativa, a pesquisa qualitativa é mais participativa, porém menos controlável e, por esta razão, tem sido questionada quanto a sua validade e confiabilidade.

Além disso, a pesquisa é descritiva, pois busca relatar e detalhar as experiências e os processos vivenciados pela pesquisadora, sem interferir ou manipular os fenômenos observados. A abordagem descritiva permite uma narrativa rica e detalhada, focada em retratar a realidade tal como ela foi experienciada, destacando aspectos específicos da trajetória pessoal e profissional.

Em concordância, Fontelles (2009, p. 6) diz "É aquela que visa apenas a observar, registrar e descrever as características de um determinado fenômeno ocorrido em uma amostra ou população, sem, no entanto, analisar o mérito de seu conteúdo."

No que se refere aos procedimentos, verifica-se que esta pesquisa teve como finalidade realizar um trabalho autobiográfico e de campo como abordagem, nesse sentido concordamos com o que Marques e Satriano (2017, p. 5) afirmam quando dizem que "no caso da narrativa autobiográfica, o autor e o espectador estão reunidos na mesma figura". Desse modo, confirma-se a relevância de que os dados a serem

analisados advém da experiência da autora enquanto tradutora-intérprete no PPGLI/UFAC. Em síntese, corroboramos as ideias de Marques e Satriano (2017, p. 5), já que:

Mesmo assim, garante-se o aspecto relacional visto que o eu é formado por vários “eus” e o “outro”, não se nasce sujeito, se constitui um. O si mesmo é marcado pela fluidez, é marcado por um passado, um presente e um futuro que se entremeiam (três tempos: passado-presente; presente-presente; futuro-presente) e se atualizam, uma vida em aberto, na qual o inesperado faz parte e a (re)leitura é permitida.

É fundamental destacar que as narrativas de histórias pessoais encontram na memória seu principal suporte, permitindo que se construam e se concretizem. Compartilhamos da opinião de Camasmie (2007, p. 48) sobre estas narrativas, quando diz:

A narrativa de histórias pessoais tem na memória seu apoio principal para poder se dar. Mas esse trabalho de rememorar o passado não pode ter como finalidade o tão simplesmente lembrar para contar, que muitas vezes pode se dar de modo desatento ou até obsessivo. Para que a narrativa possa alcançar uma finalidade, a compreensão de si mesmo, a lembrança precisa se dar de modo ativo para que conquiste sua dimensão libertadora.

Nesta pesquisa, focamos na formação profissional, e é fundamental ressaltar a distinção entre a ação de narrar e a de informar. Isso pode ser ilustrado por Camasmie (2007):

Ao focar a formação profissional, a diferenciação entre a ação de narrar e de informar merece destaque. Informação é a transmissão de algum dado delineado, pronto a ser reproduzido, que pode ser apresentado por qualquer pessoa. Narração é um dado sempre em construção, inseparável do narrador. A informação busca a explicação de um fato, enquanto a narração busca a sua compreensão, assim sendo, “narrar é muito mais do que informar” (Camasmie, 2007, p. 3).

Enquanto informar está relacionado à transmissão de dados e fatos de maneira objetiva, narrar envolve a construção de histórias que carregam significados, experiências e subjetividades. Essa diferenciação é crucial, pois a narrativa permite uma compreensão mais profunda e contextualizada dos saberes, contribuindo para a reflexão crítica e a construção de identidades profissionais.

Consideramos relevante, antes de analisar a experiência da autora, contextualizar o cenário em que essa experiência se insere, destacando os fatores

históricos, sociais e culturais que influenciaram sua trajetória, por isso o referencial teórico foca principalmente na atuação e formação profissional no contexto da cidade de Rio Branco, no Acre. Essa contextualização é essencial para compreender não apenas os desafios enfrentados, mas também as estratégias adotadas e os aprendizados construídos ao longo do processo.

Os sujeitos desta pesquisa são a própria autora, na condição de profissional tradutora-intérprete, e os surdos com os quais mantenho diálogo no âmbito do PPGLI

A abordagem teórico-metodológica que utiliza a reflexão do autor da pesquisa é comumente chamada de abordagem autobiográfica, como dito, nesse tipo de abordagem o autor assume um papel central, utilizando sua própria trajetória como objeto de estudo e fonte de dados. A reflexão crítica sobre suas vivências, aliada a referenciais teóricos, permite explorar questões subjetivas, culturais e sociais de forma profunda e contextualizada. Essa metodologia é especialmente útil em pesquisas que buscam compreender processos identitários, práticas profissionais ou fenômenos sociais a partir de uma perspectiva pessoal e reflexiva.

Considerando as subseções descritas, acreditamos que os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa são suficientes para abordar, de maneira consistente e aprofundada, a análise referente à atuação da autora. A combinação de reflexões autobiográficas, referencial teórico e contato com os surdos envolvidos no programa oferece uma base sólida para explorar não apenas as práticas profissionais, mas também os desafios, aprendizados e impactos gerados por essa experiência.

Dessa forma, entendo que a metodologia proposta permite uma compreensão abrangente e crítica do tema, contribuindo tanto para o campo acadêmico quanto para o aprimoramento da prática profissional da autora, a seguir expomos os dados.

4 A ATUAÇÃO DE UMA PROFISSIONAL TRADUTORA-INTÉRPRETE NA PÓS-GRADUAÇÃO

Nesta seção, apresentam-se meus traços autobiográficos, com o objetivo de contextualizar e refletir sobre os procedimentos teórico-metodológicos que foram desenvolvidos e aplicados por mim ao longo de minha trajetória no campo da tradução e interpretação. A narrativa percorre desde minhas experiências pessoais e formação acadêmica até a consolidação de minha atuação profissional e intelectual, destacando os momentos-chave que influenciaram minha perspectiva teórica e prática. Compartilho *insights* sobre como minhas vivências moldaram minha abordagem no processo tradutório-interpretativo, oferecendo uma visão pessoal e crítica sobre os desafios e aprendizados ao longo do caminho.

4.1 Meus primeiros anos de contato com a Libras

Para falar sobre estratégias de tradução e interpretação, eu preciso inicialmente voltar no tempo a partir de minhas memórias para poder contar sobre os traços da minha trajetória como tradutora-intérprete de Libras. Não venho escrever verdades, mas narrar fatos que aconteceram, de acordo com as imagens mentais que trago comigo e que, portanto, equivalem a interpretações que eu faço das questões sociais pelas quais passei.

O meu primeiro contato com a Libras se deu na infância. Eu era pequena, achava que tinha uns 12 anos nessa época, mas conversando sobre esse assunto com minha mãe recentemente, ela me falou que eu tinha uns 7 anos, tendo em vista que foi quando minha mãe e meu pai cursaram magistério em 2002 e se inscreveram em um curso básico de Libras. Por ser um curso noturno, meus pais levavam a mim e a meu irmão para as aulas, pois não tinham com quem nos deixar e ao chegar na sala eu me interessei em aprender o que estava sendo ensinado. A professora do curso de Libras era surda e isso chamou muito a minha atenção, então tudo o que ela ensinava eu tentava aprender. Por conta da minha idade, eu não poderia ser matriculada no curso e receber certificado, tendo em vista que na época, era exigida idade mínima de 18 anos para se matricular nos cursos de Libras. Todos os dias eu ia para as aulas com meus pais e meu irmão, era algo que eu gostava muito, aprender os sinais, conseguir me comunicar um pouquinho com os surdos. A professora me

deu meu sinal de batismo da comunidade surda e eu gosto muito do meu sinal pois ele é muito parecido com o sinal do verbo “conseguir”, o que, às vezes, me dá um impulso mental de dizer para mim mesma que eu vou conseguir fazer determinadas tarefas, que eu sou capaz.

Depois que esse curso acabou eu não esqueci os sinais que havia aprendido. Sempre brincava de soletrar as palavras com as mãos e se tornou algo comum para mim. Lembro que em 2004 viajei com meu pai e irmão de Rio Branco para o Rio de Janeiro, de ônibus, e no meio do caminho entrou um passageiro surdo que se sentou do meu lado. Inicialmente, eu não sabia que ele era surdo, mas quando fui conversar, ele apontou para o ouvido e balançou a cabeça negativamente me dizendo que era surdo. No mesmo instante, eu entendi e comecei a tentar a me comunicar com ele por meio de datilologia⁴ e deu certo. Eu consegui entender o que ele me falava e conseguia responder também. Sempre que eu encontrava uma pessoa surda, eu tentava me comunicar com ela e ficava tão feliz quando conseguia entender alguma coisa. Sim, falava, porque pessoas surdas falam, com as mãos, e isso para mim era incrível.

Os anos se passaram e, em 2013, aos 18 anos de idade, o Centro de Apoio ao Surdo - CAS abriu vagas para curso básico de Libras. Eu fiquei sabendo sobre o curso no mesmo dia que abriram as inscrições. Então, eu peguei minha documentação e corri para o CAS para tentar uma vaga. Chegando lá, havia tantas pessoas que não era possível caminhar dentro do local e depois de horas esperando, finalmente consegui me inscrever. Foi nesse mesmo ano que ingressei no Ensino Superior, no curso de Sistemas de Informação, que a princípio era a área que eu almejava como profissão. Fiz o curso básico e o curso intermediário de Libras em um período de 1 ano e, por ser algo que eu gostava muito de fazer, conseguia absorver muito bem o conteúdo, aprender os sinais com facilidade, também tinha uma relação muito boa com os surdos que ali trabalhavam, o contato direto com os surdos faz total diferença no aprendizado das Línguas de Sinais.

⁴ O alfabeto manual na Libras é usado para soletrar manualmente as palavras. Esse recurso de soletração do alfabeto é denominado de datilologia. Usado para “falar” nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas e também utilizado para expressões e palavras que ainda não tem sinais na referida língua. Portanto, o alfabeto manual é um recurso utilizado na LIBRAS, mas não podemos restringir uma conversa em Libras utilizando o alfabeto manual (Oliveira; Barbosa, 2021, p. 56).

4.2 Trajetória profissional como Tradutora-Intérprete de Libras

Em 2014, ao verem minha boa desenvoltura na comunicação com os surdos, me foi oferecida uma vaga de emprego para atuar como tradutora-intérprete de Libras e a princípio eu não sabia se aceitava ou não, pois não me sentia preparada para tal serviço. Após ser encorajada por terceiros, aceitei a proposta e o primeiro local em que atuei na intermediação entre Língua Portuguesa e Língua de Sinais foi na Associação de Surdos do Acre – ASSACRE. Foi nesse local que, de fato, comecei a me relacionar com as comunidades surdas na cidade de Rio Branco/AC.

Na ASSACRE, minha função era traduzir e interpretar todas as informações que os surdos necessitavam na associação, além de acompanhá-los em consultas médicas, entrevistas de emprego, audiências, consultas no INSS, entre outras atividades. Intermediava a comunicação entre surdos e ouvintes sempre que necessário. Era uma tradução-interpretação cheia de lacunas, pois eu ainda não tinha a habilidade, vocabulário necessário e nem experiência para atuar como intérprete de Libras.

Após 4 meses trabalhado na ASSACRE atendendo e auxiliando os surdos em tudo o que fosse necessário em relação à intermediação da comunicação, fui lotada pela Secretaria de Estado de Educação - SEE para atuar em sala de aula, na Escola Estadual de Ensino Fundamental II Marilda Gouveia Viana, 7º ano, e comecei a participar dos cursos de capacitação/formação continuada para intérpretes de Libras oferecidos pela SEE. Confesso que era algo desafiador para mim, pois eu, com apenas 19 anos de idade, não fazia ideia de como atuar em uma sala de aula, mas não desisti. Meu primeiro ano atuando na profissão não foi nada fácil, eu não tinha muito conhecimento na área e traduzir as disciplinas era muito desafiador. Eu precisava estar o tempo todo pesquisando, estudando, perguntando sinais, tentando ajudar uma aluna surda de 12 anos de idade, muito esperta, ativa e que sinalizava muito bem, a compreender as aulas.

Enfrentava problemas com as relações interpessoais entre mim e a equipe escolar, tendo em vista que eu tinha apenas 19 anos, muito jovem, não era levada a sério, e passei por muitos episódios de humilhações por parte da equipe gestora. Muitas vezes me tiravam da sala de aula para executar funções que não condiziam com as minhas atribuições de tradutor-intérprete, solicitando que eu organizasse filas de banheiro, filas de lanche, assumir a sala quando faltava professor ou quando

precisava se ausentar, aplicava provas, entre outros, que impediam de executar minha função para a qual fui contratada. Apesar de estar em uma instituição de ensino, todos os dias eu ia para casa chorando por conta das humilhações constantes ou por me sentir impotente, mas eu não desisti e consegui concluir o ano letivo de 2019, dando graças a Deus por ter chegado até o final do contrato sem ter desistido. Esse ano contribuiu para influenciar a intérprete que sou hoje, pois mesmo com tantos acontecimentos negativos à qual fui submetida, os fatos me ajudaram a me fortalecer, ter mais pulso e defender a mim e à minha profissão.

No ano seguinte, 2015, fui lotada pela SEE na Escola Estadual de Ensino Fundamental II Aracy Cerqueira, uma escola bem distante, na vila Custódio Freire, na estrada que vai para o Aeroporto de Rio Branco. Meu transporte era bicicleta e eu demorava em torno de 1:30h para chegar na escola por conta do meu peso e as ladeiras no caminho. Apesar da distância, era maravilhoso ir para essa escola.

A equipe escolar era muito companheira, um local muito bom de se trabalhar. Ao chegar na escola, tive contato com um aluno surdo, com baixa visão e com deficiência intelectual, de 25 anos, cursando o 6º ano. Eu lembro dele com muito carinho, pois era muito meigo e gentil. Ele não sinalizava, então o trabalho que tive com ele foi o de apresentar a Libras, tentar relacionar os conteúdos da sala de aula com o ensino de Libras. Era muito gratificante vê-lo aprendendo os sinais, vê-lo tentando se comunicar com os colegas e os colegas com ele. Esse estudante chegando na escola e mostrando os sinais que tinha aprendido, mostrando as atividades que ele tinha conseguido fazer.

A metodologia usada com esse aluno era baseada em jogos lúdicos, como por exemplo jogos de memória e dominó. Eu confeccionava alguns materiais didáticos de acordo com as disciplinas e os conteúdos da sala de aula, e, também, utilizava os recursos da sala multifuncional que possuía computador com acesso à internet. Quando precisava confeccionar materiais novos, colocava atividades ou vídeos relacionados a Libras para o aluno assistir enquanto eu providenciava algo adequado para correlacionar com os conteúdos aplicados em sala de aula. Como eu não dispunha dos conteúdos da sala de aula com antecipação, não conseguia me programar muito bem sobre qual material iria utilizar no dia ou semana seguinte.

Foi um ano muito prazeroso, porque senti que fiz alguma diferença positiva na vida daquele aluno. O ano em que o acompanhei foi possível aprender muitas coisas e a felicidade dele me deixava feliz. Eu não consigo lembrar o nome desse aluno, mas

não porque eu não me importasse, mas é que o que tenho em minha memória sobre ele é a feição do rosto dele e o sorriso que ele me dava quando conseguia avançar em algo. Esse sorriso é o que está marcado na minha memória e que fez aflorar mais a minha vontade de ser uma tradutora-intérprete profissional. Comecei a estudar cada vez mais sobre tradução e interpretação no contexto educacional e comecei a me interessar por diferentes áreas de interpretação como, por exemplo, política e propagandas.

No ano de 2016, fui lotada pela SEE na Escola Estadual de Ensino Médio Clícia Gadelha, e no ano seguinte, 2017, permaneci lotada nesta mesma escola, acompanhando uma aluna surda no 2º e 3º ano do Ensino Médio. Mais familiarizada e apta para a profissão, comecei a me desenvolver cada vez mais e, também nesse ano de 2016, entrei no curso de Letras Libras na UFAC o que me permitiu ter mais conhecimento sobre o ato de ensinar e poder me aperfeiçoar cada vez mais. Apesar de o curso de Letras Libras formar professores de Libras, eu, tradutora-intérprete de Libras, confesso que aprendi muito nesse curso o que me ajudou a ser uma profissional melhor, sempre estudando e buscando novas formas de tradução.

A partir do meu ingresso no Letras Libras, eu assumi uma de minhas identidades de poder falar e me orgulhar de me denominar tradutora-intérprete de Libras. Ainda em 2016, comecei a traduzir-interpretar campanhas políticas para candidatos a prefeito e vereadores e, posteriormente, para demais cargos políticos. Em 2017, me formei em Sistemas de Informação, mas eu não segui essa área de atuação, tendo em vista que já estava imersa nas comunidades surdas; já estava apegada à minha profissão, eu já era uma tradutora-intérprete.

No ano seguinte, 2018, fui lotada pela SEE na Escola Estadual de Ensino Fundamental I Dr. Pimentel Gomes, atuando em uma sala do 4º ano. É muito diferente trabalhar com crianças, é muito prazeroso, chegar na sala e receber o carinho não só da criança surda, mas de todos os alunos da sala é algo tão bom, uma energia magnífica. Nesse mesmo ano, comecei a trabalhar no Centro Universitário Leonardo Da Vinci - UNIASSELVI, uma instituição de ensino superior que oferece cursos de graduação e de pós-graduação na modalidade à distância. Nessa universidade atuei como tradutora-intérprete nos cursos de Letras Libras, Complementação Pedagógica em Libras, Logística, Investigação e Perícia Criminal, Contabilidade. Nesses cursos, dialoguei tanto com alunos de Rio Branco - Acre, quanto com alunos de outros estados como Amazonas, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e

Santa Catarina. Atuando nesta instituição, tive um grande salto de crescimento profissional, interpretei em eventos, congressos, autoescolas, peças de teatro, comecei a expandir minhas habilidades de tradução-interpretação para as mais diversas áreas.

Em 2019, foi o último ano que fui lotada pela SEE. Dessa vez, na Escola Estadual de Ensino Fundamental II Roberto Sanchez Mubárac, acompanhando uma aluna surda no 8º ano. A partir de aí, permaneci trabalhando somente na UNIASSELVI, no turno noturno, e trabalhava como *freelancer* nos demais horários com as propagandas políticas, os comerciais, as peças de teatro, as turmas de autoescola entre outras atividades de tradução-interpretação que apareciam. Abandonei meu curso de Letras Libras na UFAC, pois estava mentalmente cansada, adquiri alguns problemas de saúde físico e mentais, não conseguia sequer entrar em sala de aula.

No ano seguinte, em 2020, veio a pandemia. O caos instaurado, pessoas morrendo e eu sem a mínima expectativa de um futuro e foi aí que conheci meu esposo, Dionatan. Após alguns meses de relacionamento, engravidei e em outubro de 2021 dei a luz ao ser que iria me tirar desse período sombrio pelo qual eu estava passando. Nasceu meu filho, Amenadiel Elliot, e ele me deu forças para voltar a ser a tradutora-intérprete de Libras que eu era, só que agora melhor e com novas perspectivas profissionais. Voltei a cursar Letras Libras e, dessa vez, sem desistir e sem temer, com o objetivo de finalizar minha graduação e obter o título de Licenciada em Letras Libras.

Em julho de 2024, após muitas tentativas, consegui ingressar em uma cooperativa que presta serviços de tradução-interpretação de Libras para a UFAC, mesma instituição à qual sou vinculada academicamente, mas, dessa vez, atuando nos contextos de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado. Por isso, solicitei desligamento da UNIASSELVI em setembro de 2024, para dedicar-me exclusivamente às minhas atividades na Universidade Federal do Acre.

Essas foram minhas experiências de tradução-interpretação em diferentes contextos, principalmente no contexto educacional ao qual eu mais me dediquei, em que atuei do Ensino Fundamental I e II, passando pelo Ensino Médio e Ensino Superior e, agora, neste momento, na Pós-Graduação.

4.3 O processo de tradução-interpretação simultânea

Nestes 11 anos em sala de aula, adquiri muita experiência na minha profissão. Tracei diferentes estratégias para conseguir traduzir-interpretar os mais diversos conteúdos, e hoje atuando na Pós-Graduação, faço uma análise de traços biográficos das estratégias de produção de tradução-interpretação Português - Libras em uma disciplina denominada Teorias Linguísticas no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre – UFAC.

Uma interpretação sinalizada, ocorre de maneira específica, em que nós tradutores sinalizadores precisamos estar visíveis ao público, repassando a informação a que recebemos via auditiva e a repassamos visualmente, por meio de sinais. Para essa questão, Lourenço (2018, p. 2) expõe:

Ao realizar uma interpretação-sinalizada, o intérprete parte de uma língua oral para uma língua sinalizada. O profissional geralmente é posicionado à frente do público e deve compreender a mensagem auditivamente sem, na maioria das vezes, ter acesso a informações visuais, tais como gestos e expressões corporais utilizados pelo emissor do texto de partida. Além disso, a produção desse intérprete é realizada por meio de movimento das mãos e de movimentos corporais de maneira geral, exigindo também um certo gerenciamento do espaço de trabalho, como, por exemplo, cuidar de sua posição no palco e ainda garantir que sua sinalização esteja totalmente visível para a audiência surda. Tem-se ainda o fato de o intérprete partir de uma língua oral (linear e sequencial) e precisar (re)estruturar as informações na língua sinalizada (espacial e multidimensional) (Lourenço, 2018, p. 2).

Em sala de aula, considero que o processo é o mesmo, mas o espaço em que o profissional fica é menor, sendo em um cantinho ao lado do quadro da sala, ou sentados em cadeiras escolares dispostas à frente do(s) aluno(s) surdo(s). O processo na modalidade de interpretação simultânea é amplamente utilizado na educação em geral e, de forma mais específica, na disciplina mencionada. Essa prática é essencial em contextos em que a comunicação precisa ocorrer em tempo real, sem interrupções.

Em sala de aula, utiliza-se comumente essa forma de interpretação, pois o discurso do professor deve ser traduzido em tempo real ao aluno. A interpretação simultânea difere-se da consecutiva, sendo a simultânea quando o intérprete traduz ao mesmo tempo que o orador emite os atos de fala e a consecutiva quando o intérprete aguarda o orador terminar um trecho do discurso para depois traduzir. A fim de reforçar essa perspectiva, recorreremos às palavras de Rodrigues e Valente (2011, p. 14) que destacam:

[...] o processo de tradução de um idioma ao outro na interpretação – tanto na simultânea, em que a língua-fonte vai sendo vertida para a língua-alvo em paralelo ao discurso proferido, ao “mesmo tempo”, quanto na consecutiva, na qual o intérprete escuta uma fala e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo –, a maioria dos estudiosos e praticantes das duas áreas reserva o uso das nomenclaturas citadas para duas atividades diferentes: o tradutor trabalha com texto escrito e o resultado de sua tradução é um “outro” escrito; o intérprete lida com a fala, e o resultado de seu trabalho é uma “outra” fala. Transpondo tal conceituação para a língua de sinais, deve-se assumir que o profissional responsável por transpor discursos falados para Libras, ou o contrário, é o intérprete. Já o que transpõe um discurso escrito para Libras é o tradutor (Rodrigues; Valente (2011, p. 4).

O intérprete, nesses casos – da tradução simultânea – atua de forma ágil, convertendo o discurso de uma língua para a outra quase ao mesmo tempo em que ele é proferido, o que nos exige um alto nível de proficiência nos idiomas envolvidos, além de habilidades como concentração, rapidez de raciocínio e capacidade de síntese.

Para aprimorar esse processo, é fundamental investir em nossa capacitação contínua, bem como o contato contínuo com os surdos envolvidos em todo o processo. Além disso, a familiarização com o contexto educacional e o domínio do vocabulário específico da disciplina são aspectos que elevam a qualidade do trabalho realizado. Essa sensibilidade é reforçada por Lourenço (2018, p. 8) quando diz que “em uma interpretação simultânea, o intérprete precisa lidar com duas línguas que possuem duas gramáticas distintas, em um curto período. Línguas que são mais distantes gramaticalmente entre si impõem um desafio adicional, exigindo a adoção de estratégias específicas”.

Em síntese, a interpretação simultânea é uma técnica importante e amplamente aplicada na educação, facilitando a comunicação em tempo real e permitindo que o conhecimento seja transmitido de maneira evidente e tentando diminuir as dificuldades linguísticas. Rodrigues e Valente (2011, p. 14) destacam que convém destacar que a Libras, apesar de já contar com um sistema gráfico de representação, ou seja, uma escrita própria, raramente é traduzida nessa modalidade, seja como texto de partida ou de chegada. Essa particularidade reforça a natureza visuoespacial da língua, que é predominantemente utilizada em sua forma sinalizada, mantendo sua dinâmica e interatividade.

Quando bem executada e constantemente aperfeiçoada, a interpretação simultânea se torna um recurso indispensável para a eficiência e a dinamização do processo educacional. Para dar maior consistência a essa reflexão Rodrigues e Valente (2011, p. 15) explicam:

Isso significa que a tradução envolvendo a Libras se dá, majoritariamente, no contexto de discursos escritos em outros idiomas (o português, por exemplo) sendo vertidos para a Libras sinalizada, equivalente à língua oral, e não para a escrita de sinais, modalidade equiparada à língua escrita. Observe-se que não se está falando de uma impossibilidade de tradução de textos escritos para escrita de sinais, apenas se está registrando a rara observância dessa prática (Rodrigues; Valente, 2011, p. 15).

Fica evidente, então, que a tradução-interpretação de conceitos para surdos exige uma diversidade de estratégias, adaptadas à riqueza visual e contextual da Libras. Isso inclui estratégias como: o uso de sinais convencionais, classificadores (que representam formas e movimentos), expressões faciais e corporais, quando necessário, a criação de sinais novos ou empréstimos linguísticos. A escolha da estratégia depende do contexto, do público e da complexidade do conceito, do nível e da habilidade do profissional, mas principalmente sempre priorizando a importância dos processos comunicativos.

4.4. Estratégias de tradução-interpretação português-Libras em contexto de Pós-graduação

A tradução-interpretação de conteúdos da disciplina Teorias Linguísticas para a Libras exigiu o uso de diversas estratégias, adaptadas às especificidades da língua de sinais e às necessidades dos alunos surdos. Abordo, agora, as principais técnicas empregadas por mim, começando pelo uso de sinais convencionais. É importante destacar que o professor da disciplina acompanhada possui conhecimento intermediário de Libras e faz parte das comunidades surdas, mantendo um contato constante com surdos próximos. Além disso, ele tem experiência no acompanhamento de alunos surdos tanto na graduação quanto na pós-graduação. Por esse motivo, o professor já demonstra sensibilidade às necessidades da comunidade surda e sempre busca, dentro de suas possibilidades, auxiliar os intérpretes a conceituar melhor os conteúdos, contribuindo para uma comunicação mais eficaz.

4.4.1 O uso de sinais convencionais e sinais momentâneos

Nesta estratégia, priorizei o uso de sinais convencionais, que são aqueles conhecidos e convencionados pelos surdos que têm a Libras como L1 para atender a necessidades específicas. No caso, a necessidade seria criar sinais “momentâneos” na disciplina Teorias Linguísticas para que o conteúdo ministrado pelo professor fosse compreendido. Os sinais convencionais são aqueles que pessoas de fora das comunidades surdas não conhecem, tendo em vista que por não saberem o sinal-termo, elas não conseguem estabelecer uma comunicação efetiva com os surdos. Por outro lado, as próprias comunidades surdas, como os estudantes da pós-graduação com quem eu tenho contato, sentem necessidade de criar sinais momentâneos para que alguns sinais convencionais, atrelados a conceitos não conhecidos, sejam melhor compreendidos.

A afirmação de Vargas e Gobara (2015, p. 3) corroboram a discussão apresentada quando dizem “enquanto os ouvintes usam a Língua Portuguesa para a comunicação, os surdos usam a Língua de Sinais. Dessa maneira, a comunicação entre surdos e ouvintes, que não sabem a Libras, fica prejudicada e é preciso um intérprete para mediar as relações.”

No entanto, a escolha dos sinais convencionais exigiu que eu prestasse atenção ao contexto e à complexidade dos conceitos. Em alguns casos, precisei complementar os sinais com explicações adicionais ou exemplos práticos para garantir a compreensão, o que estou chamando de sinais momentâneos. Por exemplo, ao abordar termos como “variação linguística”, não utilizei apenas o sinal convencional, mas também explorei exemplos concretos de variações regionais e sociais, o que facilitou a assimilação do conteúdo.

Em muitos casos, a disciplina continha termos atrelados a metáforas, como o caso em que em uma das aulas a palavra Odisseia (que pode ter significados diversos) foi amplamente utilizada; se caso fosse feita a tradução da palavra, utilizando um sinal convencional teria usado os sinais de “viagem”⁵, e, posteriormente, explicado a história ligada ao poema grego que na verdade era o que o professor estava se referindo. Nesse caso, o sinal convencional foi utilizado, mas ligado e

⁵ 1. Viagem cheia de aventuras e peripécias; 2. Série de acontecimentos anormais e variados. “**odisseia**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, <https://dicionario.priberam.org/odisseia>.

contextualizado com a história à qual se referia, dando ênfase à metáfora a qual se estabelecia a conexão com o conteúdo explicado.

Conseguí utilizar, como tradutora-intérprete de Libras, desta estratégia em tempo hábil, ajudando os alunos a compreender termos metafóricos e abstratos, que é de grande importância, pois conforme a reflexão de Vargas e Gobara (2015, p. 13):

Em geral, uma das dificuldades dos alunos com surdez para conseguir evoluir conceitualmente, se apropriarem dos conceitos científicos, é que a sua língua é diferente daquela usada pelos professores. Assim, esses alunos acabam aprendendo superficialmente, baseados apenas no que é concreto (pensamento por complexos), não conseguindo fazer abstrações, já que o professor, como mediador do conhecimento, não consegue interagir com esse aluno para auxiliá-lo a construir os conceitos científicos (Vargas; Gobara, 2015, p. 13).

Agora, os alunos surdos que cursaram a disciplina têm o contexto metafórico que a palavra e o sinal convencional podem carregar em relação ao termo. Em todos os casos, priorizei o uso desses sinais, garantindo que os alunos tivessem acesso à comunicação. Mesmo em uma disciplina com muitos termos técnicos, utilizei a sensibilidade de aliar, estrategicamente, o uso de sinais convencionais a uma abordagem pedagógica que considerasse as nuances dos conceitos teóricos. Isso assegurou que a tradução fosse não apenas precisa, mas também acessível e significativa para os alunos surdos. Os termos exemplificados representam apenas um breve recorte de palavras e conceitos que foram adequadamente explicados e discutidos com os alunos.

4.4.2 O uso de classificadores

Outra estratégia que utilizei na tradução-interpretação dos conteúdos da disciplina Teorias Linguísticas foi o emprego de classificadores em Libras. Os classificadores são recursos linguísticos que me permitem representar visualmente características como forma, tamanho, movimento e localização de objetos, pessoas ou conceitos abstratos.

Esses recursos são essenciais para tornar a tradução mais dinâmica e evidente, especialmente ao lidar com conceitos complexos ou que exigem uma representação espacial. Ao incorporar os classificadores, pude garantir que os alunos surdos tivessem uma compreensão mais completa e acessível dos conteúdos

abordados. A reflexão de Pinheiro *et al.* (2022, p. 57) sobre classificadores oferece uma visão importante:

O número de línguas orais que são classificadoras vai muito além do que geralmente pensamos. Essa falsa impressão pode ser oriunda do fato da enorme quantidade de CLs presentes nas línguas de sinais. Assim, quando se fala em CLs, logo vêm à mente as realizações de CLs em diferentes contextos linguísticos das mais variadas línguas de sinais. Essa referência é motivada pelos avanços de estudos linguísticos das línguas de sinais, os quais apontam o termo CL como um fenômeno muito presente e comumente usado nessas línguas, seja por seus falantes ou em contextos de tradução e de interpretação (Pinheiro *et al.*, 2022, p. 57).

Na disciplina, utilizei amplamente os classificadores para explicar conceitos como estruturas sintáticas, hierarquias linguísticas e processos de formação de palavras. Por exemplo, ao abordar a noção de "Dicotomias saussurianas", empreguei classificadores para representar visualmente "a divisão de algo em duas partes distintas, mas complementares, e sua estrutura", o que facilitou a compreensão dos alunos surdos. Esse foi um termo particularmente desafiador, especialmente porque o professor deixou evidente que "as dicotomias saussurianas são interdependentes, ou seja, possuem relação entre si e não podem ser analisadas isoladamente."

Da mesma forma, ao discutir, por exemplo, os "primeiros contatos linguísticos entre povos indígenas e portugueses", utilizei os classificadores para ilustrar as informações, permitindo que os alunos surdos tivessem uma compreensão detalhada do conteúdo ministrado. Essa abordagem visual e dinâmica facilitou a assimilação dos conceitos e enriqueceu a experiência de aprendizagem.

Essa estratégia não apenas enriqueceu a tradução, mas também permitiu que os alunos visualizassem conceitos abstratos de forma concreta. A abordagem de Pinheiro *et al.* (2022), ao mencionar que "o que se percebe é que, em Libras, a incidência de classificadores é frequente, e uma das explicações para isso baseia-se no fato de que a modalidade dessa língua é visual, gestual e espacial, utilizando-se multidimensionalmente do espaço". Essa questão abordada pelos autores amplia a compreensão sobre o tema e de certa forma influencia os profissionais da área a utilizar mais desse recurso.

Os classificadores, por suas características visuoespaciais, são ferramentas poderosas para representar ideias complexas de maneira acessível. Minha experiência ao utilizar esse recurso me permitiu compreender que os classificadores

foram importantes para representar movimentos e transformações linguísticas, como os deslocamentos sintáticos ou as mudanças fonológicas.

Por exemplo, ao explicar a metáfora linguística, usei classificadores para mostrar como um conceito abstrato pode ser "movido" ou "transformado" em outro, criando uma ponte visual entre o concreto e o abstrato. Isso foi especialmente útil ao trabalhar com conceitos operacionais relacionados à língua/linguagem, como ponto de vista e objeto, além de destacar a diferenciação, ligação e entrelaçamento desses conceitos. Essa abordagem visual facilitou a compreensão dos alunos surdos, tornando o conteúdo mais claro e significativo.

4.4.3 Expressões faciais e corporais

Outra estratégia que utilizei na tradução-interpretação dos conteúdos da disciplina Teorias Linguísticas para alunos surdos de mestrado foi o emprego de expressões faciais e corporais. Na Libras, as expressões não são meros complementos, mas elementos gramaticais que carregam significados específicos, como negação, afirmação, intensidade, dúvida ou ênfase. Esses recursos são fundamentais para transmitir nuances e emoções que enriquecem a comunicação e facilitam a compreensão de conceitos complexos.

Ao utilizar esses recursos, percebi que há uma troca de informações expressivas faciais e corporais entre mim como intérprete e o surdo. O nível de compreensão ou mesmo de atenção ao conteúdo pode ser observado justamente por causa dessa característica visual da língua e dos recursos a ela atrelados. Essa dinâmica visual e expressiva permite uma comunicação mais eficaz e uma conexão mais profunda com o conteúdo ministrado. A observação sobre o dito traz uma contribuição significativa, no ponto de vista de Felipe (2006, p. 6):

A Libras, como outras línguas de sinais, devido à sua característica gestual-visual, pode introduzir, no contexto discursivo, a mímica e por isso um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação pode mimeticamente ser representada juntamente com a estrutura frasal. Este processo de formação de palavra, altamente produtivo, permite uma economia, já que expressões faciais e corporais podem complementar os itens lexicais estabelecendo contextos discursivos uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua (Felipe, 2006, p. 6).

No contexto da disciplina, utilizei expressões faciais e corporais para destacar aspectos importantes dos conceitos teóricos, como a ênfase em determinados processos linguísticos ou a diferenciação entre teorias concorrentes. Por exemplo, ao explicar a abordagem gerativa de Noam Chomsky, empreguei expressões que refletissem o que a teoria propõe, contrastando essa abordagem com outras teorias linguísticas, como o Estruturalismo Saussuriano.

Da mesma forma, ao abordar a variação linguística, as expressões corporais me ajudaram a ilustrar as diferenças regionais e sociais de forma mais vívida e engajadora. Essa estratégia foi particularmente eficaz para os alunos de mestrado, que já possuem um repertório teórico mais amplo e conseguem apreciar as nuances transmitidas pelas expressões.

O uso adequado desses recursos contribuiu para criar um ambiente de aprendizagem mais interativo e envolvente, em que os alunos puderam não apenas entender os conceitos, mas também sentir a profundidade e a relevância das discussões teóricas. Além disso, eles puderam compartilhar suas experiências, demonstrar seu entendimento e participar das aulas de forma ativa, em pé de igualdade com os alunos ouvintes. É importante ressaltar que os alunos ouvintes geralmente têm um tempo de interação mais ágil, já que não precisam aguardar o processo de tradução para acessar o que está sendo dito pelo professor. Essa dinâmica reforça a importância de estratégias que garantam a inclusão e a participação efetiva dos alunos surdos, assegurando que todos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e interação.

4.4.4 Criação de sinais novos ou empréstimos linguísticos

Em situações em que sinais específicos da disciplina Teorias Linguísticas não eram conhecidos, recorri à criação de sinais novos ou ao uso de empréstimos linguísticos como estratégia de tradução-interpretação. Essa abordagem foi especialmente relevante para os alunos de mestrado, que lidam com terminologias técnicas e teóricas avançadas, muitas vezes sem equivalentes diretos na Libras, pois, antes, pessoas surdas não estavam inseridas em espaços acadêmicos, e a partir do momento que vão adentrando a esses espaços, se torna necessário a criação desses sinais.

A criação de sinais novos – criados pelos surdos depois que expliquei toda a narrativa e conceitos relacionados ao sinal, digamos “momentâneo que surgiu por necessidade naquele momento” envolveu a adaptação de conceitos complexos para a estrutura visuoespacial da Libras, de acordo com suas regras gramaticais e morfológicas. Por exemplo, ao abordar termos como "gerativismo", desenvolvi sinais descritivos que refletiam as características centrais das teorias, utilizando movimentos e configurações de mão que remetem a ideias como "geração de estruturas". Essa estratégia permitiu que os alunos surdos tivessem acesso a conceitos teóricos de forma contextualizada, facilitando sua compreensão e participação nas discussões.

Em uma situação específica, o professor contou sobre o “Mito da caverna” de Platão, que envolve muitas incorporações de significados. O mito explicava sobre as sombras projetadas em seu interior que representam a simbolização dos sentidos, enquanto as correntes significam as opiniões que aprisionam os seres humanos à ignorância e ao senso comum. As sombras não indicavam o sentido literal de sombra, em conjunto com os surdos, sinais e classificadores foram criados e usados, até que o mito ficasse evidente e as metáforas fossem compreendidas.

Como destacam Lima Junior *et al.* (2024, p. 1):

O léxico complexo e multifacetado da Libras contrasta com a seguinte vicissitude a ser considerada por parte da comunidade surda: a necessidade da produção e do registro de sinais, os quais venham, futuramente, dar conta dos inúmeros referentes da realidade circundante. Nesse sentido, não raras vezes, os surdos recorrem a estratégias imprescindíveis à comunicação, fazendo uso de sinais já consolidados em outras línguas visuais e adaptando vocábulos de outras partes do país (Lima Junior *et al.*, 2024, p. 1)

Essa prática não apenas ampliou o vocabulário da Libras na área das teorias linguísticas, mas também permitiu que os alunos surdos de mestrado acessassem conteúdos de ponta de forma acessível e contextualizada. Os sinais e os empréstimos utilizados por meio dos termos pesquisados na internet no momento da aula e com auxílio do professor na apresentação de conceitos abstratos ou desconhecidos. Como bem destacam Lima Junior *et al.* (2024, p. 2):

[...] tal construção linguística e discursiva frequentemente envolve a adaptação de termos portugueses para sinais que podem ou não manter uma conexão visual ou fonética com a palavra original. Naturalmente, em virtude de essa relação se constituir também em meio à luta por poder e dominação, por vezes, os surdos rechaçam a utilização do vernáculo da língua portuguesa. Apesar disso, esse processo é essencial para a abranger novos conceitos e termos que surgem, especialmente em áreas técnicas e

acadêmicas, onde a criação de sinais específicos é necessária. Ao estudar esses empréstimos, observa-se como a comunidade surda adapta e incorpora novos lexemas, refletindo a dinâmica e a evolução da própria língua (Lima Junior *et al.*, 2024, p. 2).

Além do exposto, essa estratégia reforçou a autonomia e a identidade linguística dos alunos, mostrando que a Libras é uma língua viva e em constante modificação, capaz de se adaptar às demandas de diferentes áreas do conhecimento, além de ser complementada com explicações contextuais para garantir que os alunos compreendessem o significado produzido pelos surdos por meio dos sinais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco central desta reflexão recaiu sobre a minha atuação na disciplina Teorias Linguísticas, integrante do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI da Universidade Federal do Acre/UFAC. Nesse contexto, não apenas apliquei, mas também revisei e adaptei alguns métodos teórico-metodológicos que embasam minha prática, contribuindo, pelo menos de maneira preliminar, para o debate acadêmico concernente à prática de tradução-interpretação e a formação de novos pesquisadores na área de tradução-interpretação de línguas de sinais.

Os traços biográficos que teci neste texto, portanto, não se limitam a um relato pessoal, mas servem como um instrumento para compreender os processos sociais pelos quais passei que me fizeram me tornar hoje uma profissional da área de tradução-interpretação. A abordagem biográfica nos estudos científicos permite uma conexão entre a trajetória individual e as contribuições teóricas e metodológicas na formação de uma profissional como eu.

Nesse momento, dentre as reflexões que destacam, está a questão de como introduzir, por meio da Libras, conhecimentos da área dos Estudos Linguísticos em relação às teorias que os estudantes em questão não sabem. Em síntese, as estratégias de tradução-interpretação utilizadas pela autora na disciplina Teorias Linguísticas — como o uso de sinais convencionais, classificadores, expressões faciais e corporais, e a criação de sinais novos ou empréstimos linguísticos — demonstraram ser importantes para garantir a acessibilidade e a compreensão dos alunos surdos de pós-graduação. Essas práticas não apenas facilitaram a transmissão de conceitos complexos, mas também reforçaram a Libras como uma língua completa e dinâmica, capaz de atender às demandas do ensino superior e promover a inclusão acadêmica.

Além disso, a experiência reforçou a importância de uma abordagem sensível e criativa na tradução-interpretação de conteúdos acadêmicos, especialmente em níveis avançados como o mestrado e o doutorado, em que a precisão teórico-metodológica é fundamental. Destaco que essas práticas não só beneficiam os alunos surdos, mas também enriquecem o processo de ensino como um todo, promovendo reflexões sobre os processos tradutórios-interpretativos.

As estratégias mencionadas neste estudo, embora tenham demonstrado benefícios significativos para os alunos surdos, como uma maior conexão com a disciplina e a compreensão de conceitos complexos, não apresentam um resultado concreto e conclusivo que comprove a obrigatoriedade de seu uso por outros profissionais tradutores-intérpretes.

No entanto, a criação de sinais, o uso de classificadores e a incorporação de expressões faciais e corporais, ainda que desafiadores, contribuíram para uma experiência mais acessível e engajadora para os surdos, evidenciando que práticas adaptativas, mesmo em contextos complexos, podem promover uma aprendizagem mais significativa e inclusiva.

A análise desses recursos teórico-metodológicos aplicados no processo de tradução-interpretação demonstrou resultados positivos, evidenciando que tais estratégias contribuíram significativamente para aprimorar a atuação do intérprete de Libras. Essas práticas, em particular, mostraram-se eficazes em elevar o nível de preparação e excelência para atuar em disciplinas que demandam um alto grau de eficiência linguística, garantindo maior qualidade e precisão na transmissão de conteúdos complexos.

Ao analisar os objetivos específicos, que consistem em descrever e discutir as estratégias teórico-metodológicas utilizadas, observa-se que esses recursos apresentam ampla complexidade e demandam maior aprofundamento em pesquisas futuras. Isso se faz necessário para que as discussões sobre o tema se tornem mais precisas e consistentes, considerando que cada tradutor-intérprete possui uma produção individual, influenciada por suas experiências, conhecimentos e contextos de atuação.

O último objetivo, que visa investigar as dificuldades enfrentadas pelos tradutores-intérpretes de Libras ao trabalhar com conceitos abstratos e técnicos, este trabalho mostrou como resultado parcial que a maior dificuldade reside no tempo hábil extremamente reduzido para adaptação e explicação desses conceitos durante a tradução simultânea. Esse fator torna o processo bastante acelerado e desafiador. Apesar disso, observou-se que, mesmo diante dessas limitações, os resultados obtidos junto aos surdos foram positivos, demonstrando que as estratégias adotadas, ainda que sob pressão de tempo, contribuíram para uma compreensão efetiva dos conteúdos.

É importante destacar que o professor da disciplina acompanhada sabe Libras num nível intermediário e tem bastante contato com a comunidade surda. Isso faz toda a diferença no aprendizado dos alunos, principalmente para os surdos. Quando o professor usa Libras em sala, a comunicação fica muito mais fácil e todo mundo se sente incluído. Além disso, os conceitos são explicados de um jeito que todo mundo entende, sem deixar ninguém de fora. Isso também deixa as aulas mais dinâmicas, incentivando a participação dos alunos surdos e melhorando a interação da turma toda. Saber Libras, nesse caso, mostra que o professor se importa de verdade com uma educação que inclui todo mundo, deixando o ambiente da sala mais acolhedor e democrático.

Por fim, este estudo reforça a necessidade de investir em pesquisas e práticas que ampliem o repertório de sinais em Libras para áreas específicas do conhecimento, como a Linguística, e reflexões sobre a formação de tradutores-intérpretes e professores capacitados para atuar em contextos acadêmicos como a pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wolney Gomes. **Introdução à língua brasileira de sinais**. Letras Vernáculas. Ilhéus, BA: UAB/UESC, 2013.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. **Absurdo ou lógica**. Os surdos e sua produção lingüística. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais E Libras e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 20 jan 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. **Conheça o INES**. 27 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/aceso-a-informacao-1/institucional/conheca-o-ines>. Acesso em: 29 jan 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/cCivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 28 jan 2025.

CAMASMIE, Ana Tereza. **Narrativa de histórias pessoais**: um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAPOVILLA, Fennando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira – O mundo do surdo em Libras**. Vol III 1 ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

CARDOSO, Edileuza de Albuquerque. Preservação ambiental: ensino de língua portuguesa como l2 para crianças surdas através de materiais didáticos num contexto bilíngue. **Pesquisa & educação a distância**, v. 1, n. 31, 2024.

DE LIMA JÚNIOR, José Arnor et al. **Análise textual-discursiva de empréstimos linguísticos no âmbito da libras**. 2024. p. 9.

DE OLIVEIRA, Alzenira Aquino; BARBOSA, Mônica de Gois Silva. Mitos relacionados à língua brasileira de sinais-alfabeto, numeral, datilologia e sinal de batismo. In: COSTA, Edivaldo da Silva. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. – São Cristóvão, SE: UFS, Centro de Educação à Distância, 2021. p. 55 – 69.

SOUZA, Shelton Lima de; FRANÇA, Sônia Maria da Costa. A formação do tradutor-intérprete do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI) da Universidade Federal do Acre (UFAC) em perspectiva e questões identitárias. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 16, n. 45, 2023.

DIAS, Antonio Marcos Medeiros *et al.* Formação docente e inclusão: Desafios e oportunidades no ensino de libras nas escolas. **Lumen Et Virtus**, v. 16, n. 44, p. 106-115, 2025.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD Educação Temática Digital**, v. 7, n. 02, p. 200-212, 2006.

FONTELLES, Mauro José *et al.* Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, 23(3), 1-8, 2009.

FRANÇA, Sônia Maria Da Costa. **O tradutor-intérprete de libras/língua portuguesa na Universidade Federal do Acre do Núcleo de Apoio à Inclusão: formações, identidades e características linguísticas das/nas práticas sociais.** Dissertação (Mestrado) - Programa de PósGraduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, p. 102. 2023.

KEZIO, Gérison Fernandes Lopes. Oralismo, comunicação total e bilinguismo: propostas educacionais e o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de surdos. In: **Colóquio Internacional de Letras**, 1.jun. 2016, Bacabal (MA). Anais... Bacabal (MA): EDUFMA. 2016. p. 166-180.

LOURENÇO, Guilherme. A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução em revista**, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar.** Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, v. 25, 2002.

MARCON, Andréia Mendiola. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 233-249, 2012.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017.

PEREIRA, Adriana Soares *et al.* **Metodologia da pesquisa científica.** 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PINHEIRO, Valdenir de Souza. **O papel dos classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações.** 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância. **ETD Educação Temática Digital**, v. 10, n. 02, p. 169-185, 2009.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, n. 15, p. 197-222, 2018.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. **Intérprete de libras**. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2011.

SENA, Mayara Teixeira; ROSÁRIO, Hilda Rosa Moraes de Freitas. A história da educação dos surdos no Brasil a partir da teoria da reprodução social. **Anais do X CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2024.

SILVA, Ronaldo Quirino da. **O intérprete de libras no contexto do ensino superior**. 2016. 77 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2016.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

VARGAS, Jaqueline Santos; GOBARA, Shirley Takeco. Sinais de libras elaborados para os conceitos de massa, força e aceleração. **Revista Polyphonia**, v. 26, n. 2, p. 187-202, 2015.